

Plantas, Bobagens o Politicamente Correto e as Corujas Omos

Por Cristiano Budreckas

Janeiro de 2016

Meus amigos e meus desafetos sabem que sou uma pessoa transparente. Falo aquilo que penso, no momento da ocorrência dos fatos, “na hora, na lata”; acredito que isso seja um traço genético, pois todos os Lituanos e descendentes que conheço, tem essa característica comum. Simpatizo-me muito com quem não leva desaforo para casa. Isso é uma característica de honestidade, mas por outro lado de posturas politicamente incorretas; pois politicamente correto é como agem os políticos, que falam o que terceiros querem ouvir, nem que para isso cometam as incorreções das mentiras.

Simpatizo muito com um personagem do meio jurídico, chamado Ives Gandra Martins, que interpreta a lei de uma forma estrábica; pois a lei, “politicamente correta”, é cega e tem dificuldades para se orientar. Recentemente encontrei um texto desse jurista, o qual reproduzo *ipsis literis* (ao pé da letra, ainda que letras não tenham pés);

“Hoje tenho a impressão de que no Brasil o “cidadão comum e branco” é agressivamente discriminado pelas autoridades governamentais constituídas e pela legislação infraconstitucional, a favor de outros cidadãos, desde que eles sejam índios, afrodescendentes, sem terra, homossexuais ou se autodeclarem pertencentes a minorias submetidas a possíveis preconceitos.

Assim é que, se um branco, um índio e um afrodescendente tiverem a mesma nota em um vestibular, ou seja, um pouco acima da linha de corte para ingresso nas Universidades e as vagas forem limitadas, o branco será excluído, de imediato, a favor de um deles! Em igualdade de condições, o branco hoje é um cidadão inferior e deve ser discriminado, apesar da Lei Maior (Carta Magna).

Os índios, que, pela Constituição (art. 231), só deveriam ter direito às terras que eles ocupassem em 05 de outubro de 1988, por lei infraconstitucional passaram a ter direito a terras que ocuparam no passado, e ponham passado nisso. Assim, menos de 450 mil índios brasileiros – não contando os argentinos, bolivianos, paraguaios, uruguaios que pretendem ser beneficiados também por tabela – passaram a serem donos de mais de 15% de todo o território nacional, enquanto os outros 195 milhões de habitantes dispõem apenas de 85% do restante dele. Nessa exegese equivocada da Lei Suprema, todos os brasileiros não-índios foram discriminados.

Aos ‘quilombolas’, que deveriam ser apenas aqueles descendentes dos participantes de quilombos, e não todos os afrodescendentes, em geral, que vivem em torno daquelas antigas comunidades, tem sido destinada, também, parcela de território consideravelmente maior do que a Constituição

Federal permite (art. 68 ADCT), em clara discriminação ao cidadão que não se enquadra nesse conceito.

Os homossexuais obtiveram do Presidente Lula e da Ministra Dilma Rousseff o direito de ter um Congresso e Seminários financiados por dinheiro público, para realçar as suas tendências - algo que um cidadão comum jamais conseguiria do governo!

Os invasores de terras, que matam, destroem e violentam, diariamente, a Constituição, vão passar a ter aposentadoria, num reconhecimento explícito de que este governo considera, mais que legítima, digamos justa e meritória a conduta consistente em agredir o direito. Trata-se de clara discriminação em relação ao cidadão comum, desempregado, que não tem esse ‘privilégio’, simplesmente porque esse cumpre a lei.

Desertores, terroristas, assaltantes de bancos e assassinos, que, no passado, participaram da guerrilha, garantem as suas descendentes polpudas indenizações, pagas pelos contribuintes brasileiros. Está, hoje, em torno de R\$ 4 bilhões de reais o que é retirado dos pagadores de tributos para ‘ressarcir’ aqueles que resolveram pegar em armas contra o governo militar ou se disseram perseguidos.

E são tantas as discriminações, que chegou a hora de se perguntar: de que vale o inciso IV, do art. 3º, da Lei Suprema?

Como modesto professor, advogado, cidadão comum e, além disso, branco, sinto-me discriminado e cada vez com menos espaço nesta sociedade, em terra de castas e privilégios, deste governo.

(*Ives Gandra da Silva Martins, é um renomado professor emérito das Universidades Mackenzie e UNIFMU e da Escola de Comando e Estado Maior do Exército Brasileiro e Presidente do Conselho de Estudos Jurídicos da Federação do Comércio do Estado de São Paulo).

Para os que desconhecem o Inciso IV, do art. 3º, da Constituição Federal a que se refere o Dr. Ives Gandra, eis sua íntegra:

“Promover o bem de todos, sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação”.

Por Ives Gandra da Silva Martins”

Muitas vezes me sinto assim, discriminado; podado em muitas de minhas ações e de meus conceitos, tanto na vida cotidiana, como na profissional; posso citar um sem número de situações em que isso é verdade, por exemplo;

Se amanhã resolver sair na rua usando uma camiseta com os dizeres:

“ 100% branco”



Fonte : danielamaralinveritas.blogspot.com

Certamente serei chamado de racista, correto?

Errado! Além de gordo, quase careca, manco, estrábico e corcunda, não sou branco; pertencço à uma minoria, “os vermelhos”.

Sou pele vermelha, tanto que em blitz da “Lei Seca”, quase sempre sou convidado a fazer teste do “bafômetro”, pois os profissionais da lei, ao me olharem ficam felizes ao acreditar que acharam um daqueles casos com os miligramas lá em cima. Caem do cavalo, pois sou totalmente abstinência, nunca bebi, mas pela cor vermelha, pareço um bêbado permanente.

Outro caso de discriminação, foi quando certa feita em Brasília, numa reunião sobre a partição dos direitos aos recursos gênicos de nossa Fauna e Flora, me vi diante da Ministra do Meio Ambiente; debatendo sobre o que seria uma comunidade tradicional. Pois o Ministério e a Ministra acreditavam que só se enquadravam no conceito de comunidades tradicionais, Índios e Quilombolas, desprezavam Caiçaras, Guachos, Parauaras, Caipiras e tantas outras vertentes étnicas e culturais existentes no país. Quando perguntei:

“- Ministra, digamos que tenhamos uma comunidade de Lituanos, vivendo num núcleo isolado, donde se estabeleceram a 200 anos, preparando comidas típicas, versando dialeto próprio, executando danças e músicas típicas, exercendo conhecimento pleno de nossa flora e fauna adquiridos; eles não seriam uma comunidade tradicional a serem considerados como detentores de patrimônio gênico? ”

A Ministra respondeu-me:

“- Seu Cristiano, Lituanos são índios de onde? ”

Comecei a chorar, não pelos Lituanos, mas por ter ido à Brasília perder meu tempo discutindo com uma Ministra do Meio Ambiente que nada conhecia sobre o mundo que a cerca e que era Ministra de Estado da República Federativa do Brasil à época a sexta potência econômica do mundo e detentora com exclusividade de algo perto de 20% da diversidade biológica mundial.

Detalhe, pelo meu choro e minha vela, conseguira, ao menos incluir no rol dos detentores do nosso patrimônio genético, os Caiçaras!

Profissionalmente na semana última vivenciei uma situação desse politicamente correto que não tive como discutir com meu interlocutor, por diversos motivos; sendo o principal o cunho religioso.

Sou “Livre Pensador”, assim tive que respeitar a opinião do eminente cidadão. Foi assim;

Minha empresa está desenvolvendo uma atividade de manejo vegetal na Caatinga Cearense, donde devemos transplantar 5000 árvores, entre elas algo perto de 1300 Carnaubeiras com idades variando de 30 a 200 anos; estamos envolvidos nessa tarefa há quase dois anos, sendo que nesse tempo, mantemos uma equipe e equipamento para irrigação das árvores plantadas seis dias por semana, faça sol ou faça sol; detalhe, desde março lá não chove, nove meses sem uma gota de água. As árvores no limite, esperando a chuva e batendo palmas quando os meninos da irrigação aparecem por perto para aplacar ao menos a sede momentânea.

Pois bem, na semana passada fui chamado para uma reunião com os responsáveis pela empresa que vai realizar a implantação do jardim. Conversa vai, conversa vem, informação cedida, dúvidas retorcidas, explanações postas, papo para cá, papo para lá, quando inocentemente faço a pergunta:

“- Fulano, onde vais arrumar água na quantidade de Duzentos e Oitenta Mil litros por diariamente por doze meses para regar o jardim, sendo que nós estamos fazendo um “milagre dos diabos” para conseguir Quarenta Mil Litros ao dia? ”

O Sábio me respondeu:

“- Seu Cristiano, Eu não estou preocupado em molhar as plantas não. Meu Senhor Jesus Cristo, mandará água para mim! ”

No mesmo instante, lembrei-me do episódio da Ministra anos antes, engoli em seco, os olhos marejaram, comecei a chorar, pedi licença e fui embora. Tomei uma atitude politicamente correta, não entrei em rota de colisão com o Sábio do reino vegetal, muito menos com os Deuses e Senhores dele.

Poderia ter incorporado o Lituano de plantão e relatado que aquela postura não era justa com a construtora que o contratou, nem com os concorrentes da licitação que ele participara, muito menos com os clientes que compraram os lotes do empreendimento e principalmente com as plantas que entrariam em estado de sofrimento e que aos poucos morreriam. Na verdade, quando o serviço “meia boca” que ele realiza mostrar os resultados, o contrato já terá terminado e o “amigo” estará longe e a construtora já terá entregue os lotes, ficando a “bronca” para os condôminos resolverem, logicamente criticando ao longo do caminho o autor do projeto que não tem “culpa nesse cartório”, mas que via de regra vira “bode expiatório”.

Ah, sem contar com absurdos, como, as árvores que eles irão plantar na frente de cada lote, que estão vindo de Paranavaí, (passando por breve estada em Dona Eusébia – MG). Paranavaí, é uma cidade simpática ao Norte do Paraná; lugar com temperaturas amenas o ano todo, chuva praticamente o ano todo, umidade relativa do ar perto dos 70% e com solo feito daquela

terra roxa que apelidou os paranaenses de “pés vermelhos”. Agora imagines o stress de uma árvore de cinco metros de altura, que viveu sete ou oito anos na vida Boa, de repente ter 95% de suas raízes cortadas e colocada num saco de oito litros, viajar sessenta horas na carroceria de um caminhão baú para percorrer a bagatela de 3.200 Km e ser plantada no areão de Eusébio – CE, em plena **Caatinga branca**, sem água. Árvores que daqui á cinco, seis anos se estiverem vivas estarão do mesmo tamanho que foram plantadas.

Infelizmente, sinto pena das árvores, tanto que pedi para meus funcionários que de vez em quando joguem um pouco de água numa ou outra mais sentida.

Cometi pouco acima, um pleonasma proposital, falei de **Caatinga branca**. Em bom tupiniquim, Caa = erva, arbusto e Tinga= Branco, assim, Caatinga recebeu essa nominação pelos índios, pois na época seca a vegetação perde todas as folhas e como os seus troncos e galhos tem um tom cinza esbranquiçado que serve de proteção aos raios de sol; toda a vegetação, toda a erva, parece meio branca, daí Caatinga.

Bem também não entrei em rota de colisão com o discípulo de João Evangelista, pois hoje é muito difícil saber sobre nossos limites, é muito fácil arrumar problemas com tudo e com todos, se (Eu) criticasse a postura dele e de Seu Senhor, poderia ser acionado por preconceito religioso ou coisa parecida. Nessa área o radicalismo impera, uns chutam Santas, outros matam por Charges, outros ainda se esgoelam pela Terra Prometida...

O mundo dos smartphones está muito CARETA, está ficando CHATO, está QUADRADÃO, por tentar respeitar o tal “POLITICAMENTE CORRETO”, que é uma “Praga Contemporânea”, como já afirmam alguns filósofos.

Até histórias infantis ganharam versões política, ética, social e ecologicamente corretas, como...

...Vovó e a Chapeuzinho Vermelho se unem para combater o caçador que numa atitude porco chauvinista interveem onde não fora chamado; assim como a cesta que chapeuzinho levava para a vovó, continha uma refeição balanceada de baixas calorias, feita com verduras e legumes orgânicos,

comprados em local de comércio justo e com responsabilidade social... O caçador por sua vez fora processado pelo IBAMA por contravenção aos Direitos Lupinos...

Sobrou até para Monteiro Lobato que recentemente “quase foi preso” a pedido dos chatos do politicamente correto; pois suas obras foram questionadas no Supremo Tribunal Federal por racismo, isso mesmo racismo. A solução seria então mudar esses textos para o politicamente correto:



Autor: Quinho; fonte: O Estado de Minas Gerais

*- Mais correto politicamente seria o rinoceronte ser arrestado por um grupo de defensores dos animais, entregue a Fundação Phoenix que após serrar seus “chifres” o encaminharia ao Parque Kruger na África do Sul.

A Tia Nastácia passaria á ser representada pela Angélica e passaria á utilizar uniforme e EPIs na cozinha.

O saci ganharia uma prótese, também fazendo terapia para abandonar o vício do cachimbo e receberia assessoria de um personal stylist, que repaginaria seu look.

E a Narizinho faria uma rinoplastia, além de dez sessões estéticas com ácido retinóico, aliado ás maravilhas de peeling para clarear e rejuvenescer a pele, pois todo o tempo de Sítio sem o uso de protetor solar maculou sua tez.

Logo Monteiro Lobato que a meu ver foi um dos maiores brasileiros, não digo pela sua luta por causas nacionalistas (Petróleo e riquezas do subsolo), também não afirmo pela sua habilidade em fazer amor com as palavras; mas sim pelo seu entendimento da agricultura e do que hoje apregoamos como sustentabilidade, pois já em sua época lançou ideias que prezavam pela

conservação dos solos agrícolas; ideias que estavam cinquenta anos adiantadas ao seu calendário.

A piada, também está condenada à extinção, assim como o cinema, essa arte sucumbirá em breve. Toda piada requer um sujeito, um personagem que pode ser um papagaio, um padre, uma loira, um português, um cachorro, um japonês, um Lula, uma bicha, uma formiga, um judeu, um alemão, uma psicóloga, um advogado, um caolho, uma Presidenta, um jornalista, um maneta, um médico. Enfim é preciso um sujeito e os sujeitos estereotipados dessas minorias podem se sentir desprestigiados, agredidos, ofendidos por acreditarem que também são vítimas das anedotas.

Aos piadistas de plantão, autorizo fazerem piadas sobre mim, com todos os meus defeitos; caolho, manco, corcunda, quase careca, etc.

Só peço não fazerem piadas comigo ou com minha empresa, relativas às árvores que o Sábios Evangelísticos do mundo vegetal vem por aí plantado com o auxílio de seus Senhores; porque destas; responsabilidades não tenho.

Em tempo, sou OMOfóbico! Não gosto de Omo! Cuidado, não me entenda mal, é Omo sem agá mesmo, refere-se àquela marca de saponáceos que em sua origem se nominava **Old Mother Owl** (Velha Mãe Coruja); pois acredito haver algum problema com ele, pois se digitares no Google procurando a ficha técnica do produto, a FISPOQ, não a encontrarás e quando for solicitada pelo 0800, aparece aquela mensagem bem polida, bem do estilo das Politicamente Corretas:

“Conforme contato telefônico, o SAC OMO já está ciente de sua notificação e o caso está em andamento.

Estamos trabalhando para que a solicitação seja concluída o mais breve possível.

Atenciosamente, ”

Assim, estamos vivendo um momento esquisito, atípico; onde piadas, Monteiro Lobatos, Contos de Grimm ou de Andersen estão aos poucos sendo proibidos, mas plantar árvores que viviam em Paranavaí lá no Ceará ou colocar na caixinha de seus produtos informações vagas como os termos

Tenso ativos, Coadjuvantes e não divulgar informações de produtos que milhões de pessoas todos os dias tem íntimo contato, quer seja no tanque de lavar roupa ou no próprio corpo; pode. Ah! Isso pode...



Ao mesmo tempo que ações de verdadeira correção ambiental como a reintrodução de animais silvestres ao seu habitat, não ressoam nenhum eco...